apontamento

MK-Centro

N. 11/8/82

Uma simples forma de organização

por Leandro Paul

Quando as pessoas se começam a apertar, mesmo meia hora antes das portas se abrirem, ainda nenhuma é capaz de dar uma resposta certa acerca dos produtos que nesse dia o «MK-Centro» vai vender. Algumas tentam adivinhar, partindo da venda de batatas, ovos ou leite condensado nos dias anteriores.

Outras sabem, embora não digam a ninguém. **Muitas destas** — dizem as comadres do «MK» — **são «familiares» de uma senhora gorda e vaidosa que pensa que o «MK» é dela.**

Entretanto, ao virar da esquina — do lado esquerdo para quem está a olhar de frente para as portas de entrada do «MK» — duas filas mal feitas, vão-se estendendo cada vez mais, encostadas em parte, aos muros já sujos ao longo da Rua Viana da Mota, à medida que o ponteiro dos minutos se vai aproximando do 12, para fazer ângulo recto com o nove.

As pessoas apertam-se, esfregam-se, friccionam-se e empurram-se para salvaguardar o lugar que conquistaram horas antes das nove horas da manhã ou para, através de um ardil manhoso, conseguirem arranjar um outro.

A VIOLÊNCIA DAS BOFETADAS

De momentos a momentos, espaçados por alguns minutos, ouvem-se sonoras bofetadas que às vezes são secundadas por outras. Algumas das pessoas ali dizem que isso não é motivo para espanto. Nas bichas dos homens «é normal». Ou foi um sujeito qualquer que se quis meter entre dois outros, que já estavam na bicha há bastante tempo, ou foi alguém que «se enganou», metendo a mão no bolso alheio. O que é certo é que ali cada um guarda o seu lugar com zelo e força. Se for preciso agachar-se, agacha. Se for preciso mostrar quem tem os músculos mais possantes, mostra-se. Se for preciso gritar, grita-se. Mas cada um conserva o que é seu, inclusive os bolsos e o que está dentro (para guardar o lugar, exceptuam-se os amigos que tiverem previamente combinado guardar um «espaço» para o companheiro).

Voltamos para a entrada do «MK-Centro», onde duas grandes portas entravam o acesso de dezenas de pessoas que esperam ansiosamente para verem se acertam nas adivinhas.

Do lado esquerdo, uma placa de vidro está a ser colocada na montra. Vai substituir uma outra que há dias foi partida por um magote de gente que não mediu a sua potência para entrar, com violência, porta adentro.

Não admiraria a ninguém que, nesse mesmo dia, o vidro, que estava a ser colocado ou o outro do lado direito, pudesse também ser partido — diz uma senhora que carrega dois cestos nos braços, para outra que parece ser sua amiga.

Ainda faltam 10 minutos para as nove horas. À frente, do outro lado da Avenida 24 de Julho, algumas pessoas, que acabaram de ser atendidas no Arquivo de Identificação Civil, vêm a correr para o MK». Se lá no serviço o chefe autorizou a tratar da documentação, essas pessoas pensam que não custa nada aproveitar para matar dois coelhos com um só pau.

Como dentro do «MK», altifalantes instalados no tecto difundem a estação da «R. M.», é difícil que as pessoas ansiosas por entrar não ouçam o sinal esperado das nove horas, que se confunde com o das batidas do coração.

A CORRIDA DESENFREADA

De lá de dentro, um sujeito com uma balalaica azul aproxima-se de longe como se arrastasse os pés. Cada vez mais devagar, parece.

Ninguém esperou que o homem convidasse ou simplesmente desse a «ordem» para entrar. Foi como se um vento forte tivesse empurrado aquelas dezenas de pessoas de trás para a frente. Puseram-se todas a correr, empurrando e arfando em coro.

Entretanto, alguns empregados do «MK» abriam a boca para rir. Alguns quase que se torcem, agarrando as barrigas para que não rebentem.

— **Um gozo, um verdadeiro gozo** — disse um homem quando estacou, depois de um furiosa corrida e viu as prateleiras do fundo da mercearia vazias. Só visto, de facto, porque muitos dos empregados não deixaram de rir, abrindo o mais que podiam as suas bocas, perante a surpresa daquelas dezenas de pessoas por nesse dia não encontrarem nada naquelas prateleiras às vezes cheias.

Mais tarde, foram vendidas latas de leite condensado. Para se conseguir as senhas, muita gente sentiu e ouviu sonoras bofetadas, doloridas pancadas no estômago, constantes encontrões.

Não restam dúvidas que os empregados encarregados de distribuir senhas muito tiveram que empurrar e meter em ordem os desordeiros para organizar a bicha. Não restam dúvidas que ali existe muita gente que tem por tarefa» fazer bicha, receber senhas, vendê-las aos mais desafortunados ou que não se querem «meter» na bicha, tornar a fazer bicha, receber senhas, vendê-las e assim por diante, em ciclo rotativo.

Mas também é verdade que aqui não se quer fazer um trabalho sobre as vantagens que o «MK» oferece aos que consomem rapidamente o abastecimento; recebem familiares inesperadamente; querem consumir mais produtos que os garantidos pelo Novo Sistema de Abastecimento; que não são sócios de cooperativas e querem batatas, ovos e outros produtos, entre tantas outras vantagens.

Mas também é verdade que, para se estar na bicha é necessário ficar duas, três ou mais horas, sob o cheiro nauseabundo e horripilante que o vento se encarrega de trazer para o local do reservatório de lixo no edifício residencial próximo do «MK», que faz esquina com a Rua Viana da Mota.

E, sobretudo, é verdade que muita correria deixaria de haver, muito vidro deixaria de ser partido, mais organizada seria a bicha, se um quadro com uma lista dos produtos do dia à venda, fosse colocado para informação dos frequentadores do «MK-Centro» e demais estabelecimentos desta cadeia comercial.

Uma simples forma de organização, em resumo.